

CÁRCERE ANAL: DISCUSSÃO SOBRE A PERFORMANCE DA MASCULINIDADE NA SÉRIE EUPHORIA

PRISIÓN ANAL: DISCUSIÓN SOBRE EL DESEMPEÑO DE LA MASCULINIDAD EN LA SERIE EUPHORIA

Leonardo Magela Lopes Matoso¹

Josenildo Soares Bezerra²

Daiany Ferreira Dantas³

Resumo: esse artigo objetivou compreender a representação da masculinidade na série Euphoria, a partir do comportamento de dois personagens. Foram utilizados autores como Judith Butler (2019a), que trouxe a noção de gênero e sexualidade, Paul Preciado (2002) que defende a contrassexualidade e o corpo livre, Javier Saez e Sejo Carrascosa (2016) com o conceito de políticas anais e Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété (1992) com as inferências de análise fílmica, dentre outros. Observou-se a existência de subordinações masculinas acerca do corpo e sexualidade. Este corpo tem sido mediado não apenas pelo pênis, mas também pelo ânus, que prende o homem numa ideia de que para ser macho e viril, é preciso negar outras áreas erógenas. O estudo permitiu refletir sobre a influência da masculinidade na manutenção de um pensamento violento, sexista e patriarcal colocando em voga o encarceramento anal, que se expõem em performances mediatizadas.

Palavras-chave: Teoria Queer; Comunicação; Sexualidade; Masculinidade; Performance.

Resumen: Este artículo tuvo como objetivo comprender la representación de la masculinidad en la serie Euphoria, a partir del comportamiento de dos personajes. Se utilizaron autores como Judith Butler (2019a), que trajo la noción de género y sexualidad, Paul Preciado (2002) que defiende la contrasexualidad y el cuerpo libre, Javier Saez y Sejo Carrascosa (2016) con el concepto de políticas anales y Francis Vanoye y Anne Goliot-Lété (1992) con inferencias del análisis cinematográfico, entre otros. Se observó la existencia de subordinación masculina respecto del cuerpo y la sexualidad. Este cuerpo ha estado mediado no sólo por el pene, sino también por el ano, lo que atrapa a los hombres en la idea de que para ser masculino y viril es necesario negar otras zonas erógenas. El estudio permitió reflexionar sobre la influencia de la masculinidad en el mantenimiento del pensamiento violento, sexista y patriarcal, poniendo de moda el encarcelamiento anal, que se expone en performances mediatizadas.

Palabras clave: Teoría Queer; Comunicación; Sexualidad; Masculinidad; Actuación.

¹ Doutorando e Drag da Psicanálise, Psicolinguística, Enfermagem e Jornalismo. Enxerga-se como um homem branco, mais do que deveria ser, transeunte da queergeneridade e homossexualidade. Amante dos jogos de videogames e das abstrações intergalácticas. Ama mais do que deveria, mas ciente da entrega histérica e permissiva as pessoas e ao mundo.

² Doutor em Estudos da Linguagem. Diretor do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes e Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Membro fundador da Red Latinoamericana de investigadores en Publicidad/Colômbia. Enxerga-se como um homem branco, gay, de corpo marcado pela vida e espírito jovial. Amante das transgressões, do pecaminoso, dos ditos e não ditos, da corporeidade e de Paul-Michel Foucault (nome também do gato de estimação).

³ Adoradora de gatos, cachorros e plantas. É senciente das abstrações mais profundas do mundo. É poetisa e doutora em Comunicação. Encontra-se como professora da UERN e pesquisa a relação entre mídia, estética e cultura, partindo da política da arte e da cultura visual, tendo como objeto o cinema, suas estéticas e questões de autoria e diáspora.

1 CÁRCERE ANAL: UMA PRISÃO SEM DIREITO A DEFESA

Se procurarmos no *Google Trends* sobre masculinidade, teremos uma série de resultados nos últimos 12 meses. Estão no topo de buscas o assunto “masculinidade frágil” ligado a “virilidade” e “erosão masculina”. Quando colocamos “virilidade”, a inferência que surge é sobre o machismo e a “Bíblia de Lutero”. Essas buscas demarcam o que as pessoas têm se interessado nas redes diante do assunto pesquisado, o que faz pensar que mesmo o movimento *Red Pill*⁴ se configurando como uma atualização institucionalizada da toxicidade masculina, se reflete: o que é ser homem? Qual ideal de masculinidade?

Judith Butler (2019a) em sua obra mais citada, *Problema de Gênero*, percorre a epistemologia do gênero sobre a corporeidade, compreendendo como o binarismo que fixa os conceitos de homem e mulher como distintos e complementares leva a uma compreensão da relação entre sexo e gênero como linguagem. Um ritual social de gestos e expressões, que alinha os corpos numa pedagogia da desigualdade, legitimando hierarquias e abjeções.

A autora destaca a problemática externa mas também adaptada às ciências humanas, de a biologia ser tomada como matriz fundante das relações entre os sexos, constituindo a condição biológica como determinista dos papéis que distinguem macho da fêmea, caracterização estabelecida pela diferença entre os órgãos sexuais reprodutivo, associando sexo e gênero de modo determinista⁵.

No entanto, Butler destaca que o fato de gênero ser um sistema de repetições que adaptam o corporal a um circuito de pertencimento e legibilidade ao binarismo posto por marcadores deterministas, molda padrões e hierarquias sociais. Como todo sistema que constitui uma linguagem pela norma e repetição, o gênero possui falhas, desistências e dissidências que expõem a heteronorma, a estes ela chama de atos performativos. Os corpos que dissidem da norma interrompem e deflagram a impossibilidade de uma sociedade de homogeneidade binária, sustentada por imposições que constituem uma heteronorma, eficaz apenas como dispositivo de controle e vigilância dos corpos.

Para a autora, o gênero é uma ficção que normatiza o binarismo do sexo, disciplinando os corpos a se adaptarem ao exercício de aspectos distintivos como timbre da voz, gestos, movimento do corpo, normas de comportamento e de condutas. É por meio dessas inferências normativas e binárias de gênero que as características do indivíduo são moldadas. E a capacidade de romper com esse sistema, a performatividade, muitas vezes é cobrada com a segregação ao território da abjeção.

⁴ Movimento iniciado nos anos 2000, onde homens se opõem ao “sistema que favorece as mulheres”, ou seja, que alcançaram um conhecimento privilegiado e não acreditam nas relações com mulheres, sendo desfavorável a igualdade dos gêneros.

⁵ Cabe destacar que em obra posterior, *Corpos que Pesam* (2019b), Butler destaca que não apenas o gênero é uma linguagem construída socialmente, o sexo também, posição corroborada por outras autoras, tais como Fausto-Sterling (2001), bióloga que discute como a adequação dos sexos ao binarismo é uma construção normativa do biopoder da medicina.

Estudiosos como Felipe Baére e Valeska Zanello (2020) reforçam que a masculinidade também está atrelada à subjetividade masculina, deste lugar, esta é formada a partir de sua virilidade sexual e laborativa. A primeira refere-se à exibição de uma performance de sexualidade ativa, embora também diga respeito à penetrabilidade, a qual tira homem de seu lugar de macho, visto que o homem é visto como o ser que penetra, tendo um papel ativo, e não como o ser penetrado, sendo atribuído à mulher o lugar da passividade. Dessa forma, há uma total desvalorização da penetrabilidade vinculada ao prazer anal (daqui em diante, como forma de desconstruir esse órgão corporal, será utilizado o termo cu, por ser mais intimista e usual na contemporaneidade). Já a virilidade laborativa está relacionada à associação entre produtividade, acúmulo de riqueza e masculinidade, de modo que o trabalho passou a ser visto, ao longo do tempo, tanto como uma via de sustento, como um valor moral, um modo de avaliação da dignidade do homem.

Daniel Borrillo (2010) *apud* Baére e Zanello (2020) complementam as inferências supracitadas ao defenderem a ideia de que

Como a atividade sexual do homem é representada pela força, poder e dominação, existe o enaltecimento da figura do penetrador (papel ativo) e a desqualificação do penetrado (papel passivo). Nesse sentido, por serem vistos os corpos das mulheres como o lugar de usufruto e de penetração dos homens, é associado aos homossexuais a representação de passividade e de feminilidade, como se esses, ao se relacionarem afetiva e eroticamente com outros homens, estivessem renunciando à masculinidade (Borrillo *apud* Baére; Zanello, 2020, p. 3).

Nesse aspecto, à virilidade sexual e o papel do homem heteronormativo durante o sexo, dentro da crença hegemônica, recai na função de ser ativo e viril. O que se pode pressupor que, além do papel performativo da penetração, este pode tender a negar o cu como uma zona de prazer, preservando-a, mesmo que tenha desejo de penetrar a parceira, reservar-se a não penetrar ou ser penetrado.

Observa-se, portanto, que a masculinidade hegemônica direciona a performance masculina a um projeto de gênero, que define ser masculino como uma negação da feminilidade e sua depreciação, essa definição traz uma série de problemáticas sociais. Em decorrência dessa discussão, esse estudo propõe analisar elementos visuais, sonoros e narrativos dos personagens Cal Jacobs e Nate Jacobs – respectivamente pai e filho – da série Norte Americana *Euphoria*, no desenvolvimento de sua masculinidade e o impacto desta masculinidade em suas relações.

A produção vem a público em um momento da história recente mundial em que avança o reacionarismo conservador pautado numa masculinidade cristã, militarista e armamentista. Como foi Trump nos Estados Unidos e também o mandato do Presidente Jair

Bolsonaro, eleito em 2018, numa intensificação da chamada “virada conservadora”, fenômeno em escala global que, conforme apontam Pippa Norris e Ronald Inglehart (2019), vincula-se à tentativa de retomada de hegemonia por parte de grupos dominantes frente ao avanço das lutas identitárias e dos movimentos em defesa dos direitos das minorias.

A série *Euphoria* trata-se de um programa que retrata a realidade de adolescentes em uma escola nos Estados Unidos. Sua protagonista é Rue Bennet, uma garota de 17 anos que acaba de voltar da reabilitação por ter sido encontrada tendo uma overdose por sua irmã mais nova, Gia Bennet. Além de Rue, a produção audiovisual narra a realidade de diversas personagens, em diversos âmbitos e como elas se desenvolvem no contexto de jovens de classe média estadunidense.

Do ponto de vista estético, a série tem um pouco do que Jason Mittell (2012) coloca como complexidade narrativa. É uma proposta de contar histórias difundida desde década de 80 que aponta certa equivalência na condução da trama episódica e da evolução da narrativa central da série em arcos fragmentados, num jogo de tensão entre os episódios, oferecendo ao final uma experiência completa.

A complexidade narrativa representa também mudanças no modo de produzir e consumir séries, permitindo, dentre outras coisas, inovações tecnológicas e uma maior sofisticação deste mercado.

Uma das questões postas pela complexidade narrativa é o descentramento de núcleos, com a existência de narrativas intrincadas não apenas nos contextos dos ditos protagonistas. Séries com personagens e núcleos descentrados começaram a se popularizar nos anos 1980. Nestas, o arco narrativo de alguns personagens é abordado com maior profundidade e com narração em atos em episódios específicos, como é o caso de *Euphoria*.

Os personagens Nate e Cal foram escolhidos para análise por serem um exemplo forte e preciso do que é a masculinidade hegemônica. Em síntese, Nate é um rapaz grande, forte, agressivo e possessivo, mantém um relacionamento abusivo com sua namorada Maddy Perez e demonstra um controle patológico sobre ela. Vive um momento de dúvida sobre sua própria sexualidade, mas tenta esconder e repreender esta vivência, pois ele e sua família se encontram numa posição de *status* onde a heteronormatividade é muito forte.

Já Cal é um homem casado com uma mulher, com dois filhos (Nate e Aaron Jacobs) mas que mantém relações sexuais extraconjugais com mulheres cisnormativas, pessoas transsexuais e homossexuais, alguns destes menores de idade. No entanto, ele não revela suas pulsões e se mantém, pelas aparências, como o homem casado e chefe de uma família perfeita de comercial de margarina dos anos 90.

A expressão de masculinidade apresentada em *Euphoria* é por vezes indigesta, repugnante e incômoda, sensações que desvelam que essa problemática é real e tangível. Analisar o impacto do patriarcalismo na construção destes personagens busca mapear os efeitos de ideias como heteronormatividade e masculinidade hegemônica nessa narração.

Com base nas reflexões supracitadas e como forma de responder a inquietações particulares, esse estudo realiza a seguinte indagação, a saber: qual a representação da performance da masculinidade na série *Euphoria* a partir do comportamento dos personagens Cal e Nate Jacobs?

Parafraseando Paul Preciado (2002) no homem heterossexual, o cu, entendido unicamente como orifício excretor, não é um órgão (Preciado, 2002, p. 5). É a cicatriz que deixa no corpo a castração. O cu fechado é o preço que o corpo paga ao regime heterossexual pelo privilégio de sua masculinidade. Essa necessidade recai no fato de que aos meninos é apresentado desde cedo um modelo de masculinidade que pressupõe a bifurcação de papéis de gênero (e a conseqüente dominação de um sobre os outros) e austeridade.

Assim, o objetivo deste artigo foi compreender a representação da masculinidade em *Euphoria*, a partir do comportamento de dois personagens, buscando entender os impactos da imposição da masculinidade hegemônica na construção da personalidade no curso da narrativa, por meio de elementos visuais e sonoros.

2 COMO SE PESQUISOU O ENCARCERAMENTO EM EUPHORIA

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa de natureza descritiva, realizada por procedimento de análise fílmica, de teor qualitativo, baseada na compreensão analítica de construção de sentidos.

A pesquisa foi de natureza descritiva pois sua finalidade é relatar os fatos e fenômenos da série *Euphoria* que abordam a masculinidade, estabelecendo relações entre essa problemática e os fenômenos sociais que envolvem essa variável. Ou seja, a pesquisa descritiva para Antônio Carlos Gil (2017) é utilizada quando se deseja conhecer determinada comunidade, suas características, valores e problemas relacionados à cultura.

Utilizou-se a análise fílmica como procedimento de captação de dados. O recorte do material foi feito com a finalidade de identificar as particularidades de cada cena e compreender os seus sentidos. Assim, realizou-se duas etapas importantes: a decomposição e a interpretação. Conforme Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété (1994) debatem, essa metodologia permite transcodificar, por meio de análise, os recursos utilizados em uma montagem de imagens e suas relações com os elementos sonoros escolhidos.

A análise fílmica é o uso de ferramentas narratológicas para analisar um filme ou série, ao ponto de situá-lo num contexto, numa história. É pensar o filme enquanto ilustração ontológica que suscita reflexões teóricas e práticas. Para Vanoye e Goliot-Lété (1992), a análise fílmica propõe uma decomposição dos elementos constitutivos do objeto a ser analisado. A intenção, ao desconstruir uma produção audiovisual, é obter um conjunto de elementos distintos. A partir desses elementos, uma segunda fase da análise fílmica

consiste em estabelecer elos, a fim de compreender como os elementos se associam e se tornam cúmplices para fazer surgir um todo significativo cinematográfico.

Diante da compreensão do corpo como um sistema de valores, da audiovisualidade como um campo de experiência, e da análise fílmica, como um aparato metodológico, que relaciona elementos fílmicos e produção de sentidos, voltou-se para análise da série de TV norte-americana *Euphoria*, originalmente transmitida pela HBO. Optou-se por trabalhar essa série por ela representar muito cruamente o espectro geracional hoje chamado de Geração Z, ao abordar sexo, drogas, rejeição, *bullying*, conflito com a família, descoberta da sexualidade, machismo, gravidez e aborto sob ótica contemporânea. É a segunda série mais assistida da HBO, com nota de 8,5 pela *Internet Movie Database* (IMDb) e por ter ganho vários prêmios de notoriedade, é debatida amplamente em fóruns e redes sociais.

A história acompanha um grupo de estudantes do ensino médio enquanto eles navegam no amor e nas amizades em um mundo de drogas, sexo, trauma e mídias sociais. A série é uma adaptação de um produto original israelense. No entanto, como fio narrativo para as discussões tecidas nessa pesquisa, optou-se convenientemente por extrair dois personagens, cerne na discussão sobre as nuances que envolvem a masculinidade normativa, melhor desenvolvidos no contexto e no roteiro da versão estadunidense. Esses personagens são Nate Jacobs (interpretado por Jacob Elordi) e Cal Jacobs (interpretado por Eric Dane).

A série atualmente possui duas temporadas de 16 episódios, a primeira foi ao ar em 2019 com oito episódios, e a segunda em 2022, com quantidade idêntica. Paralelo a isso, existem dois episódios especiais que foram ao ar em 2021, em meio a um interlúdio da trama. A proposta desse estudo é analisar algumas cenas de ambas as temporadas que versam sobre a masculinidade e que possuem como personagens centrais pai e filho, acima mencionados. Em média, cada episódio possui de 54 a 61 minutos.

Nesse aspecto, apontamos que a série foi analisada em sua primeira e segunda temporada a partir da seguinte esquematização, a saber: descrições completas dispostas em texto corrido; divisão por blocos temáticos; e observações gerais em quadros contendo capturas de tela. Para auxiliar na análise, foi realizado um protocolo de “decupagem” da série, que envolve parâmetros que subsidiam a discussão. São estes:

1) **Descrição:** representação escrita detalhada, sob o olhar do pesquisador, do que aparece em determinada captura de tela.

2) **Cena-Imagem:** A análise das imagens aqui se divide em: duração, ângulo, episódio, temporada, presença de movimento, enquadramento e cenário. Na sequência, é possível visualizar os respectivos protocolos estabelecidos.

a) **Duração:** espaço de tempo, em segundos, da cena da série em que a captura de tela foi realizada.

b) **Ângulo**: definição da inclinação da câmera em relação aos entrevistados ou objetos no documentário, que se divide em cinco tipos: Normal - quando está no nível dos olhos; Plongée - quando está no nível de cima para baixo; Contra-Plongée - quando está no nível de baixo para cima; Perfil - quando está no nível de 90 graus com o nariz da pessoa filmada; e Nuca - quando está no nível da nuca da pessoa filmada.

c) **Episódio**: informativo sobre o número do episódio.

d) **Temporada**: indicativo sobre qual temporada é a cena, se é da primeira ou segunda.

e) **Presença de movimento**: o ato ou efeito de mover-se, aqui se refere à descrição do movimento realizado pela câmera ou por qualquer outro elemento capturado durante alguma cena.

f) **Enquadramento**: se trata da definição do enquadramento de determinada imagem que faz parte da cena do audiovisual, se dividindo em nove tipos: Plano Aberto - quando a câmera está distante, com o elemento ocupando uma pequena parte do cenário; Plano Médio - quando a câmera está a uma distância média, com o elemento ocupando uma parte considerável do cenário ou com a figura humana estando com o corpo inteiro na cena; Plano Fechado - quando a câmera está próxima, com o elemento ocupando quase todo o cenário; Plano de Conjunto - quando a câmera tem um ângulo visual aberto, com a figura humana ocupando um maior espaço na tela; Plano Americano - quando a figura humana está sendo filmada do joelho para cima; Meio Primeiro Plano - quando a figura humana está sendo filmada da cintura para cima; Primeiro Plano - quando a figura humana está sendo filmada do peito para cima; Primeiríssimo Plano - quando a figura humana está sendo filmada dos ombros para cima; Plano Detalhe - quando um elemento está sendo filmado com grande aproximação, a exemplo de capturar alguma parte do corpo, como as mãos.

g) **Cenário**: é a descrição do espaço real ou virtual, que serve de fundo para a captura de um elemento que está em cena.

3) **Som**: a análise dos sons aqui se divide em sonora de primeiro plano e sonora de segundo plano. Na sequência, é possível visualizar os respectivos protocolos estabelecidos.

a) **Sonora de primeiro plano**: descrição do som escolhido, como principal, para acompanhado de uma imagem formar o sentido do audiovisual.

b) **Sonora de segundo plano**: descrição do som escolhido, como secundário, para acompanhado do som de primeiro plano e uma imagem formar o sentido do audiovisual.

4) **Observações gerais**: descrição da percepção do pesquisador sobre a representação do que aparece ou não em determinada captura de tela e em todo o contexto de uma produção, visando dimensionar o sentido proposto.

A captação das cenas foi subsidiada pela técnica de saturação teórica dos dados. Essa técnica, defendida por Hermano Roberto Thiry-Cherques (2009), delimita saturada a coleta de dados quando nenhum novo elemento é encontrado e o acréscimo de novas informações

deixa de ser necessário, pois não altera a compreensão do fenômeno estudado. Trata-se de um critério que permite estabelecer a validade de um conjunto de dados, adotada, portanto, neste estudo.

Ao realizar análises mensurando o corporal, compreendemos também que esses corpos estão enquadrados a partir de uma ontologia de gênero, dentro de uma epistemologia do olhar que maximiza a precariedade de alguns corpos, enquanto minimiza a de outros, como identifica Butler (2015), ao mencionar a não idoneidade dos enquadramentos midiáticos em seu livro *Quadros de Guerra*.

A autora destaca que ser enquadrado, dentro de uma sociedade cujo olhar reduz, fetichiza ou espetaculariza alteridades, pode tanto incriminar (*to frame*), quanto identificar, tornar parte legítima do cotidiano visível. Designando quais vidas seriam legitimadas e quais não.

Considerando que se trata de uma pesquisa desenvolvida no *cyberespaço*, por meio de análise fílmica, essa pesquisa não passou pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da instituição. No entanto, ao que tange os marcos éticos e legais, esse trabalho foi conduzido de forma crítica, responsável, livre de qualquer dano que venha a comprometer a fidedignidade da pesquisa.

3 ANÁLISE DOS CORPOS ENCARCERADOS EM *EUPHORIA*

Euphoria foi escrita por Sam Levinson e conta com duas temporadas e dois episódios especiais. Ambas as temporadas possuem oito episódios de, em média, cinquenta minutos cada e são produzidas pela HBO, canal estadunidense, de propriedade da *Warner Bros Discovery*. Cada episódio é voltado para a vivência de sete personagens centrais, sendo todos adolescentes do ensino médio/secundário que apresentam diferentes problemas, e com isso, diferentes abordagens em torno destes.

Na série, entretanto, dentre os muitos arcos narrativos, a masculinidade ocupa um valor simbólico que conecta diversos núcleos, por ser um signo de violência e opressão sobre os corpos gendrados, tanto os masculinos quanto os femininos, cis ou trans. Na análise dos personagens de pai e filho, observamos que as tramas de ambos costumam um enredo em torno da masculinidade tóxica e da homofobia e bifobia, traduzidos aqui como encarceramentos do eu.

Desta maneira, a análise fílmica realiza um recorte dos elementos visuais de duração, ângulo, presença de movimento, enquadramento e cenário, e da trilha sonora, em primeiro e segundo plano, contextualizadas em diferentes abordagens, para a compreensão dos desdobramentos centrais na construção dos dilemas centrados na sexualidade que mobilizam os dois personagens.

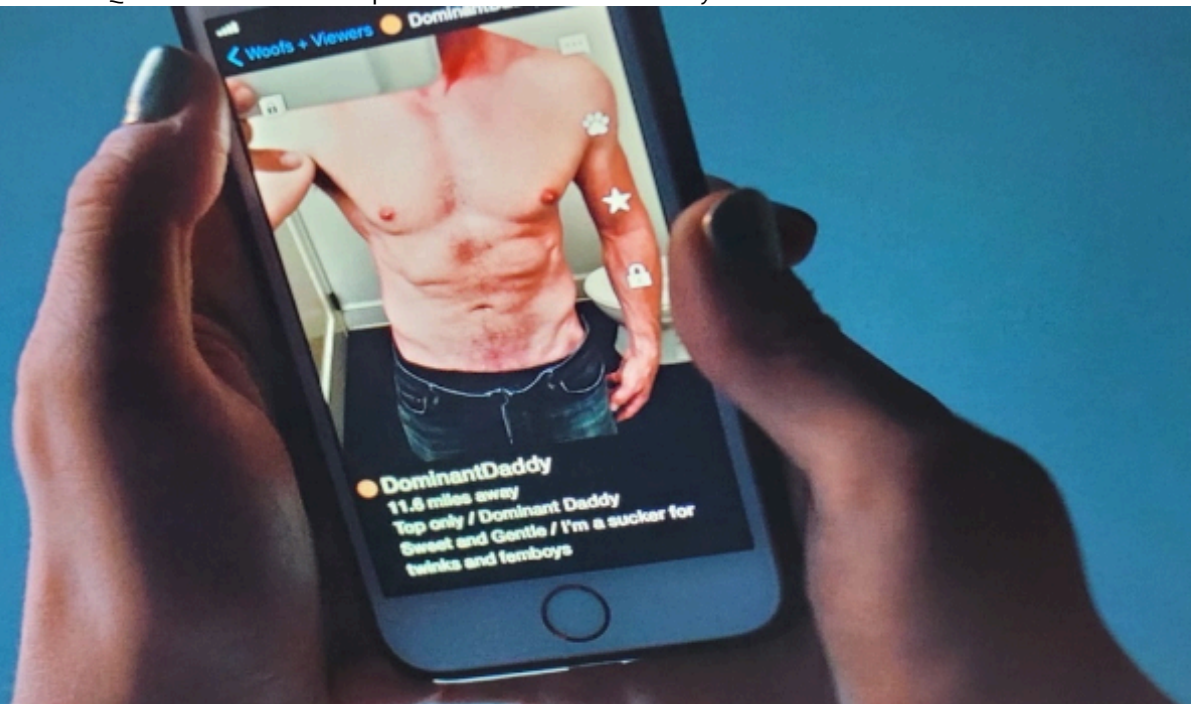
3.1 O PAI DOMINANTE

O primeiro recorte de análise deste material encontra-se no primeiro episódio da primeira temporada. Nesse momento, encontramos a personagem Jules, uma jovem mulher trans de 17 anos, cabelos loiros, magra, vestida com roupas justas, coloridas e brilhantes. Em seu quarto, acessando um aplicativo de relacionamento chamado *Woofs*. Lá, ela transita, deitada em sua cama e em pleno tédio juvenil, em busca de homens. O rolar do dedo na tela do celular faz com que ela chegue até o perfil de *Dominant Daddy*, um homem mais velho que ela, mas que detêm na foto de perfil o estereótipo masculino que Jules, segundo seu testemunho para Rue, almeja, ao admitir que sente sua identidade feminina legitimada pelo desejo masculino de homens situados no espectro da masculinidade viril, talvez por esbarrar no desejo de adequação de um corpo que se reivindica duplamente adverso, como mulher trans e mulher que ama também mulheres. Uma vez que: “A cisnormatividade (...) [p]ressupõe uma perspectiva desde a qual o “sexo verdadeiro” é aquele que recebemos dos corpos (presumivelmente heterossexuados) que se engajaram na nossa reprodução (Grimm, 2017, s/p).

Durante toda essa cena, Jules observa os perfis, ao som de uma melodia de piano, que traz um misto de empolgação e suspense. Podemos supor, pela cadência de suspense, que esta seja aquela apreensão própria de quem deseja encontrar um par na vitrine sexual da virtualidade.

Nesse sentido, retomamos a fixação sobre corpos masculinos enquadrados como normativos que pontua Rafael Baptista (2018). Para ele, o padrão hegemônico implica no reconhecimento da existência de grupos subordinados, dentre os quais é possível constatar a marginalização e segregação daqueles minoritários sexualmente, principalmente gays e mulheres transsexuais. O que é visto nitidamente nesta cena, uma vez que Jules é uma mulher transsexual, cuja orientação é a bissexualidade, no entanto, ela busca por um homem que possua signos e atributos de dominação viril (Quadro 1).

QUADRO 1 – Jules no aplicativo com *Dominant Daddy* – 0h14min07s



Descrição:	Jules segurando a tela do celular no aplicativo Woofs. Onde aparece o perfil de um homem intitulado <i>Dominant Daddy</i> (Pai Dominante). As unhas da Jules estão pintadas de prata.		
Cena-Imagem	Som		
Duração:	22 segundos	Primeiro Plano:	Melodia compassada, composta por um piano, dando toque de suspense.
Ângulo:	Contra Plongée	Segundo Plano:	Voz da Jules descrevendo o perfil do <i>Dominant Daddy</i> .
Episódio:	Um	Observações Gerais: Sem observações.	
Temporada:	Primeira Temporada		
Presença de Movimento:	Estático		
Enquadramento:	Plano Detalhe		
Cenário:	Quarto da Jules, onde ela estava deitada na cama.		

Fonte: Autores (2024)

Para Baptista (2018), que analisa a negociação das masculinidades e a autorrepresentação dos corpos nos aplicativos gays, a forma como as minorias sexuais se codifica está subordinada a uma hierarquia na qual sobressaem os que se colocam como discretos, ativos ou dominadores, como no caso do *Dominant Daddy*, que vem a ser Cal Jacobs. O autor investiga as representações que homens gays fazem de si próprios, a partir da observação de seus perfis divulgados em aplicativos de encontros e evidenciou a coexistência de várias masculinidades homossexuais que implicam em práticas de intolerância dentro do próprio grupo LGBTQIAP+.

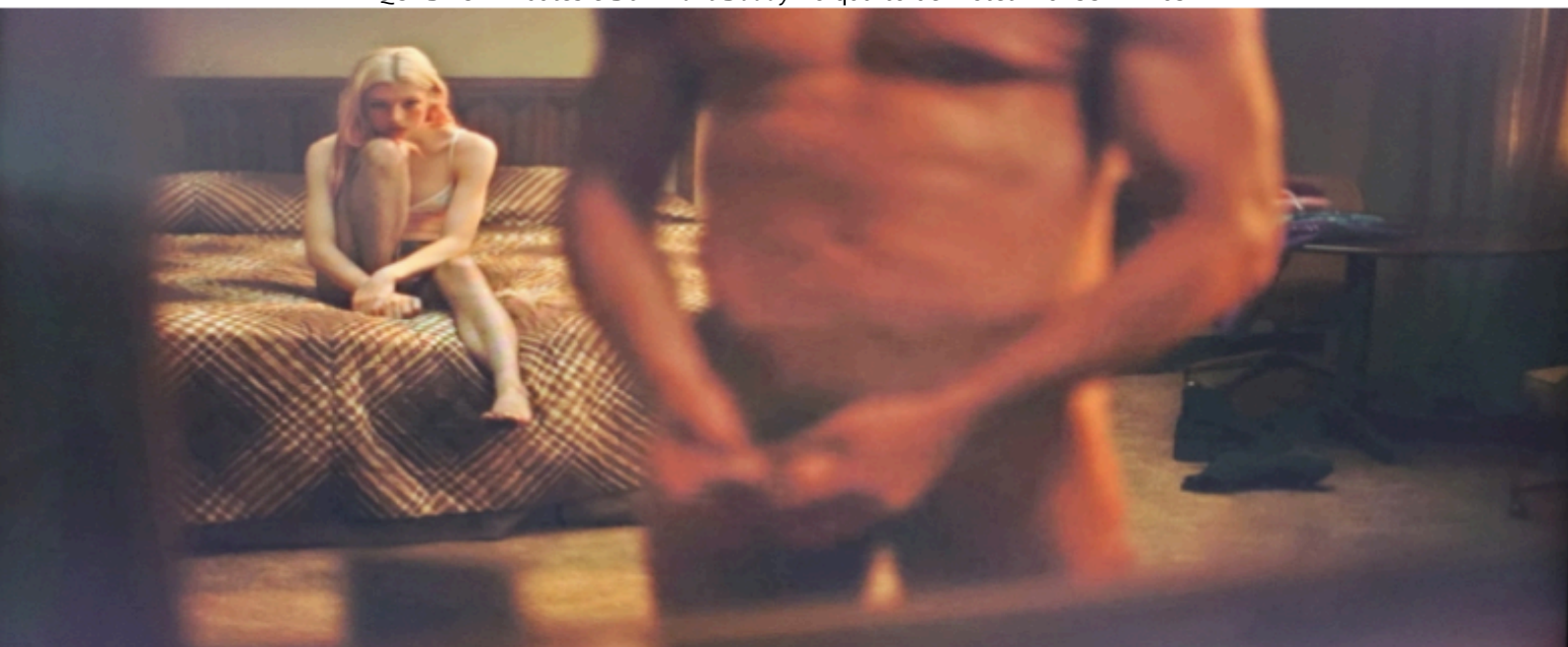
Raewyn Connel (2016) enfatiza que a produção da masculinidade vai além dos contextos econômicos e ideológicos, ela se reforça também nas relações de classe, de raça, dentre outras que determinam a posição do homem na sociedade. Nesse sentido, com a influência de tantas variáveis, a autora ressalta as múltiplas expressões de masculinidades em relações que podem se converter em alianças, domínio ou subordinação.

Cal Jacobs, um homem alto e atlético de quarenta e três anos, casado desde o ensino médio, pai de família cristão de dois adultos jovens, surge nas redes como um torso de músculos bem definidos, sob o pseudônimo de papai dominante (*Dominant Daddy*). Baptista (2018) aponta que os perfis fakes por vezes configuram desejos e expressões de sujeitos reprimidos. No caso de Jules, a questão do anonimato nas redes se justifica pela dificuldade de relações afetivo-sexuais públicas, uma vez que é uma mulher transgênero. No entanto, para se relacionar nas redes, ela mente ou omite sua idade, por ser menor, origem, entre outras informações.

3.2 “VOCÊ É TÃO LIMPA”

A segunda cena extraída é também referente ao primeiro episódio da primeira temporada. Aqui temos Jules se preparando para uma noitada. Ela estava trocando mensagens sugestivas e a caminho de conhecer um homem misterioso em um hotel. No local, descobrimos que este seria Cal Jacobs (*Dominant Daddy*). Considerando a diferença de idade de mais de 20 anos entre os personagens e o fato de Jules ser menor de idade, esta é uma das cenas mais polêmicas de *Euphoria*, por se tratar de violência sexual. A cena teve repercussões negativas, em função da forma como a personagem feminina foi tratada e exposta ainda no episódio piloto de um seriado. O Quadro 2 traz o recorte da cena analisada.

QUADRO 2 – Jules e *Dominant Daddy* no quarto de motel – 0h33min10s



Descrição:	Jules sentada na cama de um motel enquanto aguarda <i>Dominant Daddy</i> colocar um preservativo. Ela demonstra insegurança e medo pelo que está por vir.		
Cena-Imagem		Som	
Duração:	1m22segundos	Primeiro Plano:	Sem trilha sonora. Apenas os gemidos de dor da Jules e de satisfação de Carl, ao penetrá-la.
Ângulo:	Frontal	Segundo Plano:	Narração da Rue, falando sobre os desejos da Jules que nunca foram atendidos.
Episódio:	Um	Observações Gerais: Essa é uma cena angustiante. A direção, se preocupou a todo momento em focar na Jules e no quão desconfortável ela estava. Fato que o momento não tem trilha sonora, apenas o barulho da dor e angústia.	
Temporada:	Primeira Temporada		
Presença de Movimento:	Sim		
Enquadramento:	Plano Americano		
Cenário:	Quarto de motel. Jules está sentada na borda de uma cama queen, de sutiã branco, numa posição quase fetal, tendo seu queixo apoiado no joelho. Ela está em segundo plano. Ao ponto que no primeiro plano está <i>Dominant Daddy</i> , que vemos ser o Cal Jacobs. Ele está nu, com o pênis para fora e colocando uma camisinha. Jules demonstra no rosto apreensão e medo.		

Fonte: Autores (2024)

Nessa ocasião, Carl rasga a meia calça de Jules e passa a mão em volta da sua boca, fazendo-a despejar saliva, usando como lubrificante para penetrá-la violentamente. Além de gráfica, a cena não possui som, a fotografia é fria. Observa-se, na cena, o plano conjunto dele arqueando-se sobre ela na cama, com colcha em tom bege, móveis na mesma paleta e luz difusa, o enquadramento mostra a força do corpo de Cal sobre a frágil, juvenil e pálida figura de Jules.

A hierarquia entre dominante e dominado é parte da composição da cena, tendo a masculinidade viril como o elo fortalecido visualmente. Observamos, como propõe Javier Saez e Sejo Carrascosa (2016), que há a manutenção de dicotomias nas relações, mesmo fora dos pressupostos da tradicional heteronormatividade.

Ser ativo ou passivo se associa historicamente a uma relação de poder binário: dominador-dominado, amo-escravo, ganhador-perdedor, forte-fraco, poderoso-submisso, proprietário-propriedade, sujeito-objeto, penetrador-penetrado, isso tudo dentro de outro esquema subjacente de gênero: masculino-feminino, homem-mulher (Saez; Carrascosa, 2016).

A masculinidade dita viril se constrói assumindo esses valores, demarcando seu território de dominação e validando que o cu a ser penetrado deve ser sempre asséptico. Como uma *Sex Dolls* (Boneca Sexual), plástica, sintética, fria... criada como máquina de satisfação e serventia. Esta inferência é validada quando Carl termina de gozar, uma penetração que durou 20 segundos, logo após ele diz: “você é tão limpa”.

Semelhante as *Sex Dolls*, tem-se os corpos trans, bem como os corpos *queers*. Estes dizem respeito ao outro, um outro que é múltiplo, fluido, sem fronteira marcadamente definida, um outro que diz respeito a um corpo ilegítimo que, a partir da sua existência, define o “corpo legítimo”, o eu. Um corpo que Judith Butler define como abjeto, “aquilo que

foi expelido do corpo, descartado como excremento, tornado literalmente Outro” (Butler, 2019a, p. 190-191), corpos cujas vidas não são consideradas vidas, que não são entendidos como importantes. Um corpo trans, um corpo *queer*, um corpo asséptico, como o de Jules.

3.3 ESCONDER O OLHAR DOS CORPOS QUE SE MOSTRAM

A terceira cena analisada (Quadro 3) diz respeito ao segundo episódio da primeira temporada, onde observa-se Nate no vestiário masculino completamente vestido e paralisado, possivelmente com receio de olhar o pênis de outros homens, como é comum na linguagem corporal nesses territórios e em homens na sua posição, já que este é tido pelos colegas como um exemplo de homem a ser seguido.

QUADRO 3 – Nate no vestiário do colégio – 0h04min23s



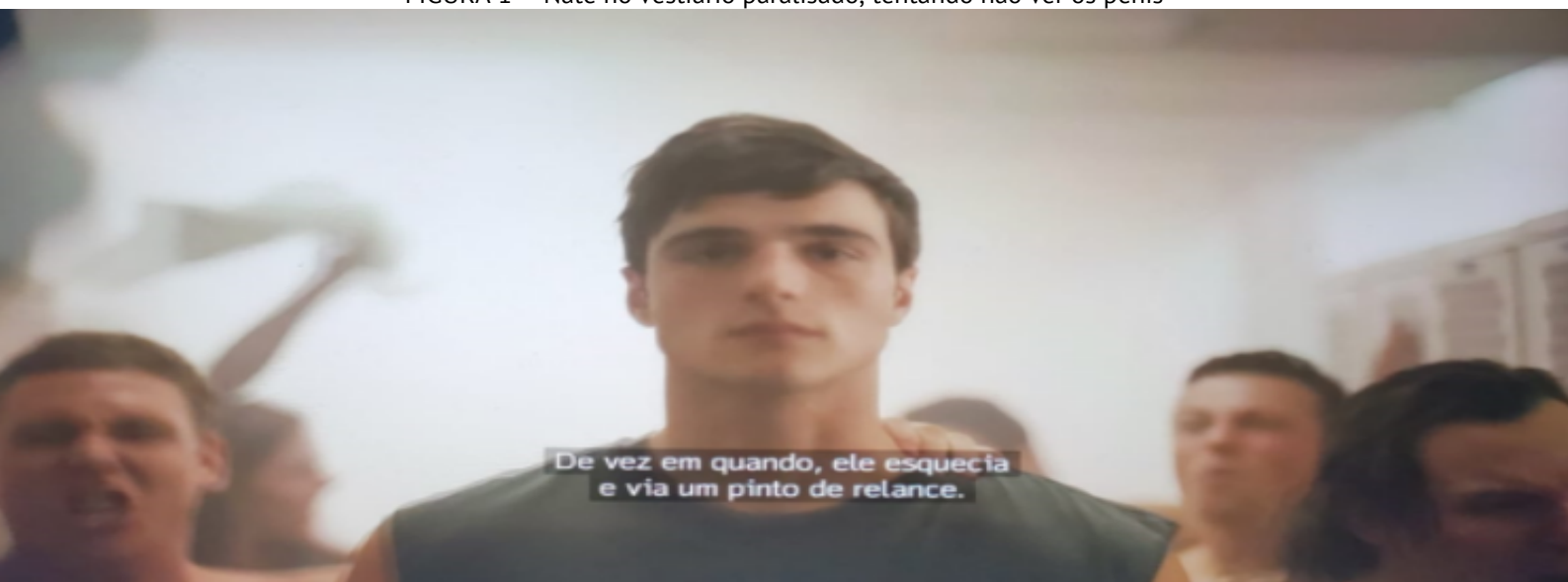
Descrição:	Nate parado no vestiário masculino, usando camiseta preta. Ele olha fixamente para o armário, com vergonha e medo de olhar para o pênis dos outros homens nus.		
Cena-Imagem	Som		
Duração:	1m18segundos	Primeiro Plano:	Gritos, conversas, agitação dos colegas de Nate, comemorando após vitória do time de futebol.
Ângulo:	Normal	Segundo Plano:	Música de Labrinth, chamada Nate Growing Up.
Episódio:	Dois	Observações Gerais: Essa é uma cena muito interessante, porque mostra o desconforto do Nate e sua preocupação com a afirmação da própria sexualidade. Fazendo a gente se questionar se ele é hetero, gay ou bissexual.	
Temporada:	Primeira Temporada		
Presença de Movimento:	Sim		
Enquadramento:	Plano Fechado		
Cenário:	Vestiário masculino da <i>Grant School</i> .		

Fonte: Autores (2024)

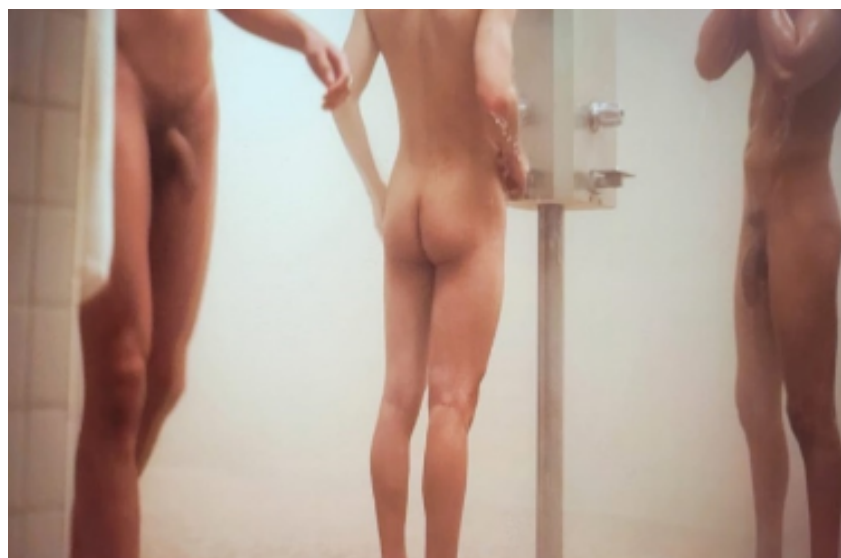
Na análise desta cena, observamos que os corpos são mediados por regras da heteronormatividade, que geram uma expectativa da conduta do homem tanto no âmbito de suas relações sexuais quanto em suas relações sociais com outros homens, que demanda uma reafirmação constante da própria virilidade do sujeito.

Na série *Euphoria*, observam-se esses gestos de autoafirmação individual e grupal da personagem Nate em diferentes momentos. No instante dos 4 minutos e 23 segundos do mesmo episódio, Nate surge no vestiário com os companheiros de time nus ao seu redor, em evidente desconforto físico do personagem, exibido em contra plongée⁶, centralizado no campo cinematográfico e vestido, utilizando cores frias que contrastam com os tons terrosos das peles nuas ao fundo. Ele mantém o olhar vazio fixamente voltado para a frente, evitando ao máximo olhar para a genitália dos garotos (Figura 1). A linguagem física de Nate, que passeia com o rosto contrito diante de colegas eufóricos, contrasta com o plano conjunto que exhibe corpos descontraídos no banho, de homens que exibem suas genitálias com orgulho, estes, surgem sem rosto, como se indicassem uma câmera subjetiva que mostra o olhar sorrateiro do personagem, que investiga outros corpos à distância, sem misturar-se a eles.

FIGURA 1 – Nate no vestiário paralisado, tentando não ver os pênis



⁶Contra-Plongée refere-se a técnica de enquadramento quando a câmera está abaixo do nível dos olhos, voltada para cima. Pode ser conhecida também como “câmera baixa” (Vanoye; Goliot-Lété, 1992).



Fonte: extraído da série *Euphoria*, da HBO (2024)

3.4 O CORPO FALHO E A VIOLÊNCIA DE NATE

A quarta cena escolhida é também da primeira temporada, trata-se do episódio oito, nela verifica-seo nervosismo de Nate ao não conseguir ter uma ereção com sua namorada Maddy. Nate informa que está tenso, preocupado e que Maddy não para de falar durante a tentativa de penetração. Sua preocupação está relacionada com os boatos que estão falando sobre ele na escola. Após terem descoberto que ele possui o registro de mais de 40 fotos de pênis de outros homens no celular. Na cena, eles discutem quando Maddy fala que não são boatos, que de fato ela viu os arquivos. Com isso, Nate avança agressivamente sobre ela, que chora, assustada, e fala que não se importa que ele curta homens, que sexualidade é um espectro.

Ao demonstrar indiferença com o acolhimento da parceira, o personagem mostra que a insatisfação com sua falta de ereção não é fruto apenas do julgamento desta, mas de sua autocobrança de virilidade, numa aparente dúvida sobre sua capacidade de afirmar seu lugar de homem hétero e ativo no ato sexual, responsável pela penetração.

Além disso, Nate dá prosseguimento ao diálogo recusando-se a enxergar a sexualidade como um espectro, o que traduz a fixidez binária, pautada numa crença patriarcal em uma heterossexualidade pura, viril e imaculada (Quadro 4).

QUADRO 4 – Nate em seu quarto com a Maddy – 0h16min39s



Descrição:	Nate nu, de costas, tentando penetrar Maddy, que está de quatro na cama.		
Cena-Imagem			Som
Duração:	3m06segundos	Primeiro Plano:	Apenas o diálogo de Maddy e Nate.
Ângulo:	Normal, posterior	Segundo Plano:	Sem som.
Episódio:	Oito	Observações Gerais: O modo com a cena foi gravada, com a câmera focando no desconforto de Maddy e na vergonha sentida por Nate, deixa quem assiste incomodado.	
Temporada:	Primeira Temporada		
Presença de Movimento:	Sim		
Enquadramento:	Plano Médio		
Cenário:	Nate está nu em seu quarto, com a bunda exposta. Ele segura Maddy pela cintura e tenta penetrá-la. Maddy está apoiada na sua cama, cujos lençóis são pretos. Um abajur com luz amarela está ligado sobre a escrivaninha que fica ao lado da sua cama. Existem roupas jogadas pelo quarto.		

Fonte: Autores (2024)

Após a discussão com Maddy, ele vai até o banheiro e lá consegue se masturbar com o pênis já duro. Outro ponto que se arrastou por toda primeira temporada, é que o personagem passou a sentir atração por homens, possivelmente, ao que indicam a quantidade de registros em seu celular, ou mulheres com pênis, o que observamos em sua longa relação platônica com Jules, atraída por ele por um perfil falso em aplicativos de encontros, mas sustentada romanticamente por um longo tempo, no qual ele se apropriou de fotografias desnudas enviadas por ela, para utilizar posteriormente como instrumento de chantagem.

A narrativa muito provavelmente assinala indicando que ele reprimiu ou dissimulou esses desejos alheios à masculinidade hegemônica que lhe conferia privilégios. Tais dissimulações, passaram diretamente à prática seriada de violência (tanto física quanto simbólica), seja na relação abusiva com Maddy, as ameaças de vingança pornô com Jules ou nas lutas corporais travadas com o próprio pai.

Para Preciado (2002), a subjetividade masculina hétero se baseia nesse corpo onde a boca pode se abrir continuamente no espaço público e onde o ânus, mediado pelo pênis, é fechado completamente e privatizado ao máximo. O ânus aqui em questão figura-se como um dispositivo de desejo e prazer, que ora pode ser negado, ora violado, mas que, no íntimo, deseja-se. Na cena em análise, Nate poderia falar, mas Maddy não. Ao mesmo tempo em que agredia o corpo com vagina de Maddy, ele se aproximava, na trama, de outro, o da mulher trans Jules, que figurava um corpo feminino com genitália masculina, mas de modo sorrateiro e utilizando a farsa e chantagem, para atraí-la e silenciá-la. Assim, esse processo de produção da subjetividade feminina heterossexual exigirá uma privatização da boca (privatização dos signos emitidos) e uma abertura pública do ânus e da vagina, tecnicamente regulada.

Ao centrar sua sexualidade na penetração e no silenciamento de corpos femininos, o personagem também silencia suas próprias questões e contradições em relação à própria analidade.

A dimensão anal centra-se na produção de prazer, seja esta sentida ou aprisionada. É uma zona agênero, não é nem masculina e nem feminina, mas produz um blecaute na divisão sexual, sendo o centro de passividade primordial, um lugar abjeto por excelência, próxima da escória e da merda. Um buraco capaz de engolir tudo e a todos, incluindo os gêneros, os sexos, as identidades, o capital. Não o bastante, constroem-se socialmente, um duto de contornos fálicos, com dois buracos, onde, de um lado, expressa-se a boca, emissora de signos públicos e do outro, um ânus impenetrável. Nisso, toda subjetividade masculina e heterossexual é retroalimentada nos status de corpo social privilegiado (Preciado, 2021, p. 59-60).

Em uma sociedade patriarcal, há uma masculinidade esperada. Isso fica claro na expressão da audiovisualidade da série *Euphoria*, bem como em comerciais de TV, novelas, programas televisivos e instituições religiosas. As masculinidades aceitáveis são aquelas que remetem à proatividade, agressividade, desamor, falta de compaixão e à desumanidade dos corpos.

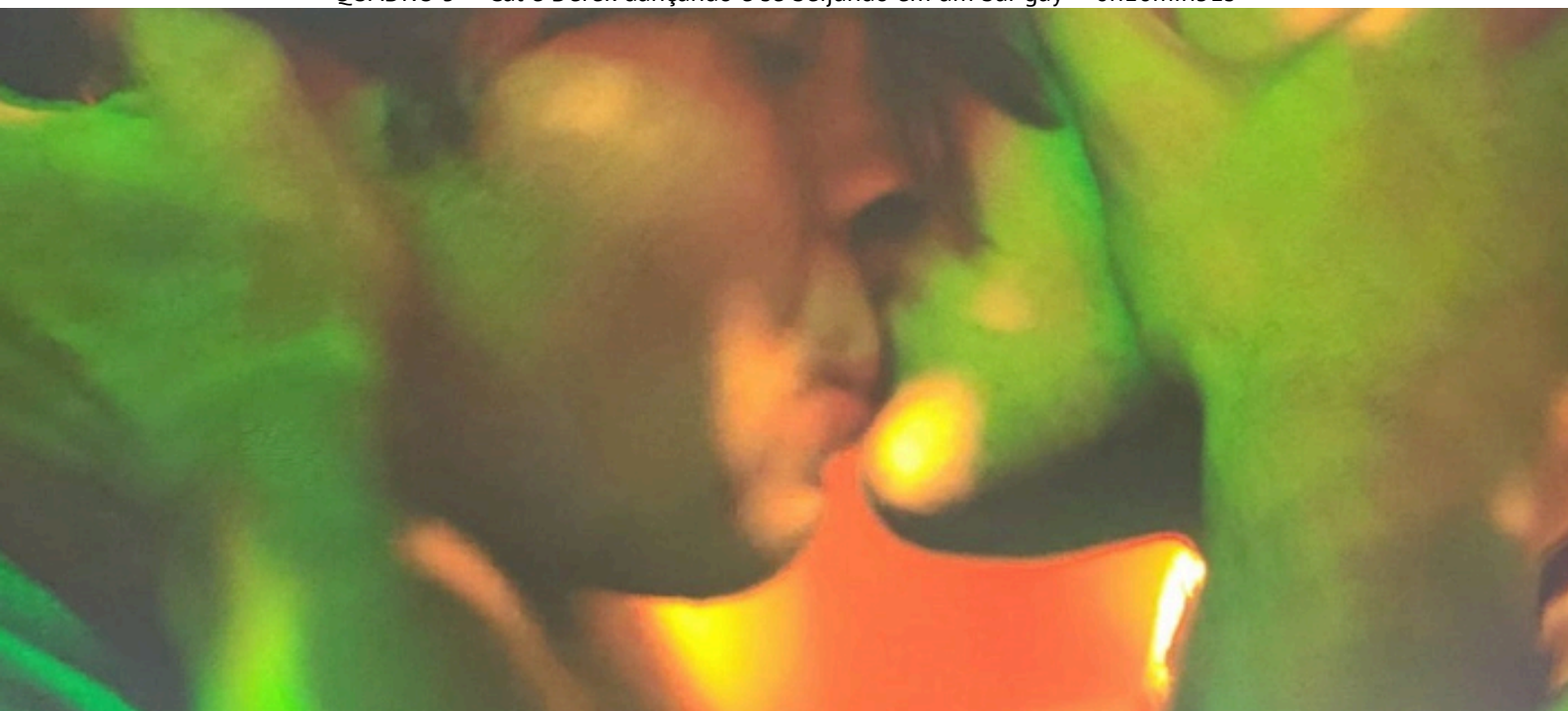
Para Baptiste (2018) e Butler (2019) essa masculinidade tóxica, de mármore, é construída desde a infância até a adolescência, onde por vezes coleciona-se episódios de repressão no ambiente escolar, na família, nos espaços de socialização, devido à criança expressar sua orientação sexual e ser um garoto diferente do padrão imposto. Homens que não se encontram dentro dos padrões (cis, hétero, branco e ocidental) enfrentam dificuldades em sua trajetória, na qual não conseguirão, por muito tempo, performar uma masculinidade esperada, sem que isso cause uma cisão traumática e angustiante.

3.5 O CORPO QUE CEDE E A CAPSULA HOMOAFETIVA

Na segunda temporada, fez-se um recorte de cena do episódio três. Neste episódio, no arco que envolve a família Jacobs, observa-se Cal adolescente e sua luta com a sexualidade desde criança. Quando adolescente, Cal experimentou uma afeição crescente por seu amigo Derek enquanto namorava sua futura esposa Marsha.

Eventualmente, Cal revelou seus sentimentos a Derek, que os retribuiu, mas a gravidez inesperada de Marsha obrigou Cal a se casar com ela e manter os detalhes de sua orientação sexual ocultos. Na cena recortada, Derek chama Cal para comemorar o fim do ensino médio em um bar nas margens da cidade, lá, Cal percebe ser um bar gay. A cena se desenvolve com eles dançando e se beijando, são mais de três minutos num plano sequência, ao som da música *Never Tear Us Apart* de INXS. O Quadro 5, mostra um frame da cena.

QUADRO 5 – Cal e Derek dançando e se beijando em um bar gay – 0h10min31s

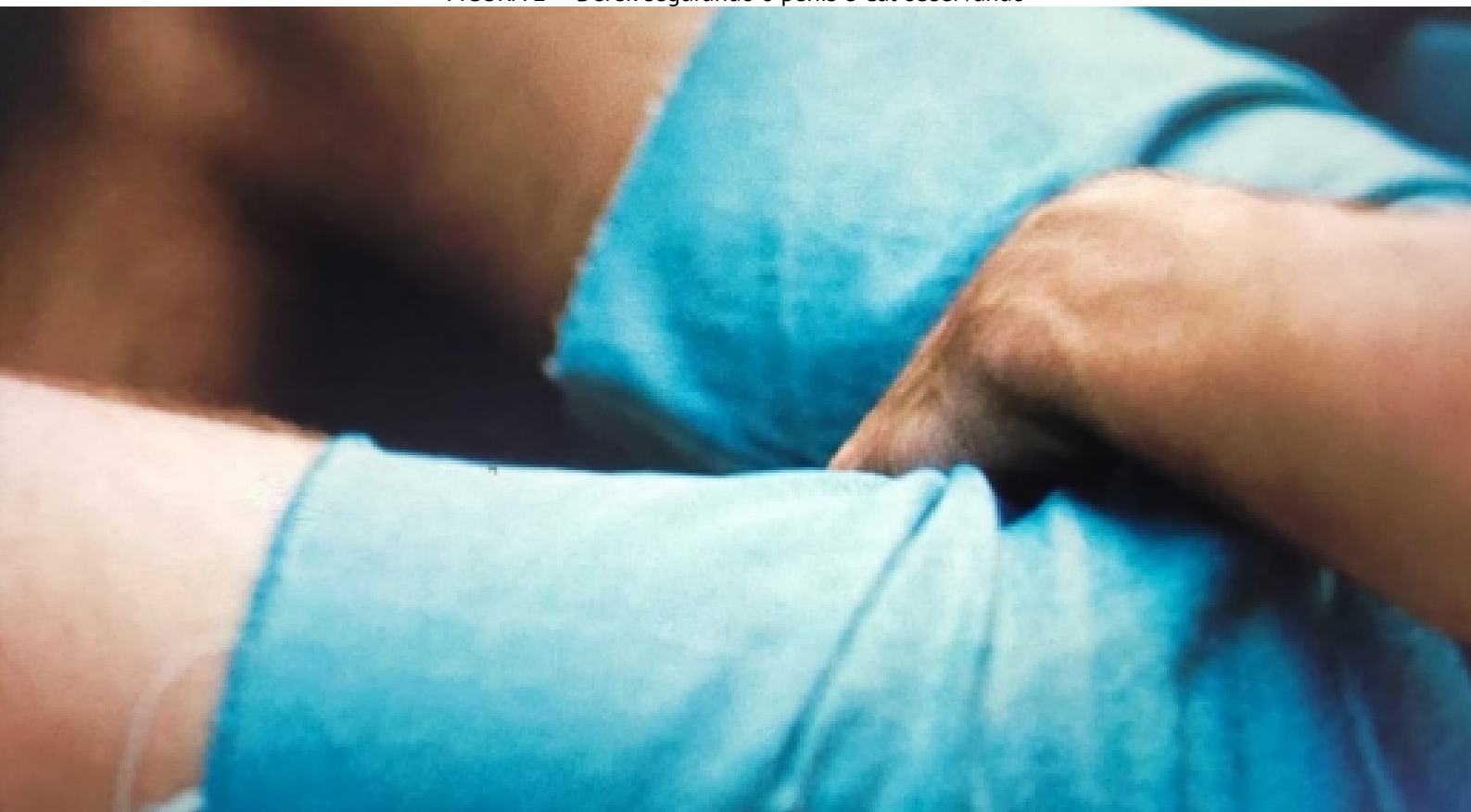


Descrição:	Cal e Derek se beijando e dançando juntos no bar gay, chamado <i>Beer Pool Dancing</i> (tradução literal Dança na Piscina de Cerveja).		
Cena-Imagem		Som	
Duração:	3m18s	Primeiro Plano:	Trilha sonora da banda INXS, com a música <i>Never Tear Us Apart</i> .
Ângulo:	Normal	Segundo Plano:	Sem som.
Episódio:	Três	Observações Gerais: Esta é uma cena que tenta humanizar o personagem Cal, até então visto como abusivo com o filho e pedófilo.	
Temporada:	Segunda Temporada		
Presença de Movimento:	Sim		
Enquadramento:	Primeiríssimo Plano		
Cenário:	Cal e Derek adolescentes, se beijando num bar gay. Ambos seguram um o rosto do outro e se envolvem num beijo voraz, em meio a lágrimas de emoção.		

Fonte: Autores (2024)

Se não fosse uma narrativa de sexualidades reprimidas, essa não seria uma cena de análise sobre masculinidade. Seria apenas um recorte romântico, de dois enamorados dançando e se divertindo, comemorando o fim de um ciclo e a transição da adolescência para fase adulta. Mas na narrativa de *Euphoria*, esta cena surge em meio a uma cultura patriarcal de cidade pequena, e ela aparece como uma fuga, um desvio de rota, já que os personagens estão num bar de beira de estrada, uma capsula de permissividade onde podem abandonar a postura de atacantes de times de futebol, jovens educados para serem homens que não choram, que não sentem, que não abraçam outros homens, que seguram seus pênis sobre a calça validando sua macheza (Figura 2). O desejo homoafetivo surge no rompante da dança, enquanto a trilha, inicialmente diegética da *Jukebox*, sobe e invade a cena. Fazendo também prevalecer o amor e afeto homoafetivo do qual seus corpos estavam sendo privados.

FIGURA 2 – Derek segurando o pênis e Cal observando



Fonte: extraído da série *Euphoria*, da HBO (2024)

Em História da Sexualidade: Parte II, Michel Foucault (2014) aponta que, “segundo a obra de Aristóteles, os prazeres do corpo, são reprovados por intemperança, ou excesso, atribuindo censura ao toque corporal, liberando apenas a visão, a audição e o olfato”

(Foucault, 2014, p. 39). Na contemporaneidade, isso ainda é seguido quando se trata da afetividade entre dois homens, sejam eles homossexuais ou não.

Para bell hooks (2004), as expectativas em torno da masculinidade produzem episódios de machismo, homofobia, violência e uma série de sofrimentos mentais. Não há lugar para os sentimentos nessa figura masculina padrão. Forçados a se portarem como seres infalíveis, que não demonstram fraquezas, os homens são, na verdade, vulneráveis a altas taxas de homicídio e acidentes, motivados por comportamentos de risco, agressividade e uma cultura da violência.

Evoco, mais uma vez, a lógica da analidade, construída biopoliticamente, que regula a construção do corpo desde o século XIX até a atualidade. Esse sistema de construção biopolítica vai localizar o “sexo” como centro da subjetividade, mas, para isso, terá que diferenciar órgãos e designar-lhes funções, produtoras da masculinidade e da feminilidade, do normal e do patológico. Preciado (2021) coloca o ânus como o primeiro órgão que é excluído do campo social, onde essa operação de exclusão passa a construir o corpo heterossexual masculino.

Isto porque, dentro dessa lógica, se o homem for vulnerável, ele pode ser penetrado. Assemelhando-se a uma mulher, ou seja, o homem penetrado é equiparado a esse estatuto inferior “de mulher”. Como o único corpo penetrável nesse imaginário coletivo é o da mulher, um homem ser penetrado é a maior agressão possível à sua virilidade, sendo rebaixado ao feminino, perdendo sua honra, seu status superior.

Os seguimentos dessa performance falha da masculinidade é o desprezo do próprio prazer, como verificado na história da família Jacobs, principalmente do personagem Cal. Se o homem penetrado não desfruta dele (foi violado, por exemplo), o desprezo e o escárnio social são menores, mas, ainda assim, terá entrado no território da vergonha irreversível, será sempre algo traumático e terrível. Porém, se o homem penetrado desfruta com isso, é alguém que o busca, deseja, valoriza... então o castigo e a desonra social são totais (Preciado, 2021).

Para Saez e Carrascosa (2016), em todas as culturas é incompreensível o modelo de masculinidade que se adota como padrão e vigência. Ser um homem é ser impenetrável. Esta impenetrabilidade pode conduzir à própria morte. Suicídios ocorrem quase quatro vezes mais entre homens do que entre mulheres, de acordo com dados do Ministério da Saúde. Os homens também têm maior probabilidade de morrerem antes dos 70 anos na maior parte dos países do mundo, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Dietas e estilos de vida pouco saudáveis, consumo excessivo de tabaco e álcool e a baixa procura pelos serviços de saúde, pois “homem de verdade não se cuida”, são alguns dos fatores agravantes dessa vulnerabilidade masculina e que estão ligados a normas predominantes de masculinidade. É um retrato explícito que o cu é um verdadeiro escudo da masculinidade e

que se não for quebrado, o homem que o segue, morrerá por aquilo que ele mais teme: a falência do cu.

3.6 A LIBERAÇÃO DA ANALIDADE

O último recorte de cena deste estudo, refere-se à segunda temporada, o episódio quatro. Nele, visualiza-se Nate em casa, tentando lidar com o pai bêbado, que saiu em seu antigo carro para relembrar os bons momentos de sua juventude no bar que tinha beijado Derek, quando jovem e retorna visivelmente transformado.

Após arrumar confusão no bar, Cal chega para casa e protagoniza uma das cenas mais dramáticas da temporada (Quadro 6). Ele expõe suas intimidades, desejos e sexualidade na frente dos filhos e da esposa, depois de mijar bêbado no chão da sala. Após confessar diversas traições e dizer que Nate foi um dos maiores erros de sua vida, Cal sai de casa levando consigo um retrato da família e dizendo que nunca mais voltará.

QUADRO 6 – Cal na sala de casa conversando com a família – 0h50min19s



Descrição:	Cal com o pênis para fora da calça depois de ter urinado na sala. Ele olha para família.		
Cena-Imagem		Som	
Duração:	7m3s	Primeiro Plano:	Diálogo dos personagens
Ângulo:	Plongée	Segundo Plano:	Sem som.
Episódio:	Quatro	Observações Gerais: Essa é uma cena que fecha as principais nuances sobre masculinidade da temporada. Porque após essa cena, os personagens, antes encarcerados, agora sentem-se livres.	
Temporada:	Segunda Temporada		
Presença de Movimento:	Sim		
Enquadramento:	Plano aberto		
Cenário:	Sala principal da casa, com cômodos em tons branco e bege. Cal está no centro da sala, com o pênis para fora, observando a família.		

Fonte: Autores (2024)

Durante os sete minutos dessa cena, Cal libera toda angústia que sentia e fala para a família que é “um homem sem nome”, referindo-se à perda de identidade após ter negado sua própria sexualidade e desejo. Expõe ainda que dormiu por vários anos com homens e transsexuais e, que estava a minutos atrás, num bar gay, se autodenominando “bichona”. Para Cal, daqui para frente ele “treparia com quem quisesse, porque era um homem”, reforçando a performance de masculinidade de mármore que coloca o homem, por ter um falo, capaz de fazer tudo e qualquer coisa.

Considerando o contexto histórico, o homem sempre recebeu estímulos para poder conter as suas emoções, por vezes vistas como inapropriadas para o gênero e capazes de lhe destituir privilégio. Nesta cena em análise, verifica-se, finalmente, Cal Jacobs expressando sentimentos reprimidos e validando finalmente quem ele era, um homem gay e que mesmo sendo gay, não removeria sua masculinidade.

Num ressoar de luz hooksiniano, a partir da audiovisualidade, identificamos a premissa oculta de que é preciso construir “masculinidades femininas”, como assinala hooks (2004), em que os homens aprenderam o ato e a arte de amar por inteiro, não negando seu corpo e nem seus sentidos.

Por isso, a análise de obras ficcionais permite a compreensão do contexto social vivido nas épocas em que foram produzidas. Segundo Kellner (2001),

O foco nas representações midiáticas nos permite avaliar, entre outros tópicos relevantes, de que maneira gêneros e artefatos culturais funcionam tanto para forjar a aceitação do status quo e a dominação social como para habilitar e encorajar os estratos subordinados a resistir à opressão e a contestar ideologias e estruturas de poder conservadoras (Kellner, 2001, p. 19).

Cal e Nate Jacobs convivem num meio social sentindo-se obrigados a manterem as aparências. Muitas das atitudes tomadas por eles têm como objetivo manter ou não manchar, de alguma maneira, a imagem que possuem ou a imagem que as outras pessoas

têm deles. Manchar a própria masculinidade é inquestionável, é preferível na construção dos arcos narrativos desses personagens, tornarem-se prisioneiros do seu próprio dispositivo de gênero e prazer: o cu.

O cu, discutido até aqui, é um dispositivo de regulação de gênero assim como o pênis, a vagina e outras tecnologias corporais imbuídas na sociedade patriarcal, mas, antes de tudo, o cu perpassa e alimenta ideais de “como ser masculino”. E é por meio dessa regulação do cu que se acessa o “humano”, pois na medida em que o sexo anal pode acarretar a morte de Eliel F. Cavalcanti⁷, Paulo Vaz⁸, Lucas Santos⁹ e tantos outros dissidentes, pode encarcerar e criar marcas difíceis de serem diluídas, como em Cal Jacobs e Nate Jacobs, representantes ora da audiovisualidade, ora da realidade, como muitos outros prisioneiros desse sistema sexual falido. Portanto, se o cu não é um dispositivo que decide sobre a humanidade das pessoas, a ponto de encarcerá-las, toda discussão desse estudo vai merda abaixo.

4 DEPOIS DA LIBERDADE, O QUE RESTA?

Essa narrativa foi iniciada dentro da prisão da masculinidade, um encarceramento do próprio eu, delimitado pela genitália e regulado pelo cu, além das inúmeras figuras de opressão social. Ela transitou pelas vielas sociais, abordando conceitos e demarcações sobre sexualidade, gênero, masculinidade, audiovisualidade, Teoria *Queer* e outros aspectos que, da mesma forma que tem o potencial de aprisionar o indivíduo, podem também libertá-los.

A discussão desse estudo evidencia que a repressão do cu tem um papel chave na construção da masculinidade contemporânea e acredita-se que falta um debate sério e amplo sobre isso. É preciso deixar bem claro que essa questão faz parte de um entrelaçamento de ódio e de violência, alimentado e retroalimentado pelo sistema patriarcal, misógeno e sexista, já falido, mas perpetrado.

Nesse aspecto, aponta-se que com essa pesquisa foi possível compreender a representação da masculinidade na série Estadunidense *Euphoria*, a partir do comportamento dos dois personagens em análise, identificando os impactos da imposição da masculinidade a necessidade de uma referência paterna por parte dos garotos, ao longo do processo de reafirmação da sua masculinidade, para aprender quais as demandas da sociedade em relação a seu comportamento. Infelizmente, como exemplificam as análises das cenas, grande parte da população jovem masculina está sujeita a uma formação calcada

⁷ Advogado Mossoroense, de 25 anos assassinado com vários tiros de pistola por ser gay em 2022. Disponível em: <https://portaldorn.com/advogado-eliel-pode-ter-sido-vitima-de-homofobia/>.

⁸ Influenciador digital e policial trans, suicidou-se aos 36 anos em seu apartamento, em São Paulo, em 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/03/14/paulo-vaz-influencer-e-policial-trans-morre-aos-36-anos-em-sp.ghtml>.

⁹ Adolescente de 16 anos, que cometeu suicídio por causa da homofobia em 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/os-alertas-deixados-pelo-suicidio-de-lucas-um-adolescente-vitima-do-odio-e-da-lgbtobia-no-tiktok/>.

num modelo patriarcal que reforça práticas opressoras, como a repressão dos sentimentos, LGBTfobia e sexismo.

Butler (2015), afirma que nosso olhar é pedagogicamente direcionado a lidar com o vivido a partir da percepção do modo como algumas vidas são enquadradas ou subsumidas. Em *Euphoria*, percebemos uma masculinidade que, ao se reconhecer dominadora e fragmentada, tenta fugir ou incriminar-se dentro do próprio enquadramento narrativo que a engendra. Expondo que a narração de uma série episódica e seus futuros plausíveis para personagens masculinos dominantes também demarcam planos de hegemonia e autoridade dos quais eles dificilmente conseguem escapar. O encarceramento anal é emulado pelo encarceramento visual.

Escrever esse estudo foi de suma importância para a análise audiovisual sobre a masculinidade contemporânea, mas também, foi um exercício para a desconstrução e reelaboração de lembranças que estavam no pré-consciente e que causavam dores que não eram compreendidas. O processo da leitura e escrita colocou os/as autores/as frente vivências que foram lugar de fala e sentido, fazendo-os discorrerem com sentimento suas concepções acerca da masculinidade e como isso interfere no pleno desenvolvimento do homem.

Buscamos evidenciar a importância destes temas para a compreensão da corporalidade e dimensões sociais dos corpos, no contexto da masculinidade, Teorias *Queer* e de gênero. No entanto, espera-se, que essa pesquisa possa contribuir com outras novas pesquisas referentes a essa temática, principalmente estudos empíricos e teóricos dentro da comunicação social, e que possibilite um maior impacto na audiovisualidade, uma vez que, por meio desta, é possível mudar práticas sociais e repensar concepções ultrapassadas.

REFERÊNCIAS

BAÉRE, Felipe De; ZANELLO, Valeska. Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. **Psicologia em Estudo [online]**, v. 25, n. 10, p. 1-15, 2020.

BAPTISTA, Rafael Ferraz. Masculinidades em aplicativos de encontros gays: análise da Negociação das masculinidades e da auto-representação dos corpos. **Áskesis**, v. 7, n. 1, p. 68-78, 2018.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2010.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 17. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019a.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: Os limites discursivos do "sexo". São Paulo: N-1 Edições, 2019b.

- CONNELL, Raewyn. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos Editora, 2016.
- FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**, v.17, n. 18, p. 9-79, 2001.
- FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade: o uso dos prazeres** (Vol. 2). 11. ed. Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2014.
- GRIMM, Raíssa Éris. **A cisnormatividade é um sistema baseado na lógica da hereditariedade, de herança**. (Postagem Pública no Facebook). 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=430696213997114&id=100011702182924&pnref=story. Acesso em: 23 fev. 2024.
- HOOKS, Bell. **We Real Cool: black man and masculinity**. New York: Routledge, 2004.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.
- MITTEL, Jason. **Complex TV: the poetics of contemporary television storytelling**, pre-publication edition. Media Commons Press, 2012.
- NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. **The cultural backlash theory: eroding the civic culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- PICKETT, Brent. **Homosexuality**. The Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2015. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2015/entries/homosexuality/>. Acesso em: 18 fev. 2022.
- PRECIADO, Beatriz. **Manifiesto contrassexual**. São Paulo: Ópera Prima, 2002.
- PRECIADO, Paul Beatriz. **Terror anal: notas sobre os primeiros dias da revolução sexual**. 2. Ed. Imprensa Marginal, 2021.
- SAEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu: políticas anais**. Minas Gerais: Editora Letramento, 2016.
- THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. **Af-Revista PMKT**, v. 4, n. 8, p. 20-28, 2009.
- VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. São Paulo: Papyrus, 1992.

Recebido em: 23/02/2024
Aceito em: 12/06/2024